

PROBLEMATIZAÇÕES INTERDISCIPLINARES ENTRE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO

Larissa Santana Cavalcante, UFCG, psilarissasantana@gmail.com.

O humanismo salesiano leva o educador a inserir-se no fluxo da cultura e do desenvolvimento humano do próprio tempo, estimulando o bem e recusando-se lamentar sobre os males; a sábia busca da cooperação de muitos, convencido de que todos possuem dons a serem descobertos, reconhecidos e valorizados.

Humanismo Salesiano II

INTRODUÇÃO

O estudo e problematização das relações étnico-raciais e acerca da diversidade sexual e de gênero são de fundamental importância no âmbito educacional, tendo em vista que diversas possibilidades de expressões subjetivas e dificuldades de enfrentamento da diferença se fazem presentes nesse contexto. Assim, os educadores possuem uma contribuição social significativa ao trabalhar essas temáticas transversais de forma a desmistificar estereótipos e preconceitos que perpassam as relações de modo danoso à determinados grupos no contexto sócio-cultural e histórico brasileiro, mas que não se restringem a este. Destarte, inicialmente é proposto o entendimento das particularidades de grupos étnico-raciais e/ou estigmatizados devido às características que lhes dizem respeito e compõem assim, povos e culturas que devem ter seu espaço e expressão étnico-racial, bem como de gênero, valorizados. Desta forma a partir da possibilidade de trabalho com minorias e estigmatizações sociais, foi possível a elaboração de uma proposta de trabalho relacionando-se ambas questões, sejam estas: gênero e orientação sexual somadas às problemáticas étnico-raciais. Pois conforme Carvalho (2010) a construção cultural, social e educacional perpassam por uma estrutura de dominação simbólica, que incluem assim aspectos de gênero, classe e raça.

Palavras-chave: Educação para diversidade; relações étnico-raciais; gênero.

INTERDISCIPLINARY PROBLEMATIZATIONS RELATIONS BETWEEN ETHNIC RACIAL AND EDUCATION FOR SEXUAL AND GENDER DIVERSITY

The study and questioning of ethnic- racial relations and about sexual and gender diversity are of fundamental importance in the educational context, given that

several possibilities for subjective expressions and difficulties of coping with difference are present in this context. Educators have a significant social contribution to the work of these overarching themes in order to demystify stereotypes and prejudices that pervade relations so harmful to certain groups in the socio-cultural and historical Brazilian context, but are not restricted to this. Thus, it is initially proposed to understand the particularities of racial-ethnic and / or stigmatized groups because of characteristics that concern them and make up so that peoples and cultures must have their space and ethnic-racial expression and gender, valued. Thus from the possibility of working with minorities and social stigmatization it was possible to develop a proposal relating to work if both questions are these: gender and sexual orientation added to the ethnic and racial issues. Because as Carvalho (2010) cultural, social and educational construction permeate by a structure of symbolic domination, thus include aspects of gender, class and race.

Keywords: Education for diversity; ethnic racial relations; gender.

METODOLOGIA

O presente artigo é fruto de uma pesquisa bibliográfica exploratória, de cunho descritivo acerca da interrelação entre as temáticas educativas das relações étnico-raciais e a discussão de gênero que perpassam práticas voltadas à educação escolar. Dessa forma, em caráter de problematização, visou analisar de forma crítica as temáticas que tangenciam os discursos educativos segundo os eixos: formação para o trabalho e aplicabilidade das temáticas transversais; formação de identidades, grupos sociais e estigmas; práticas e educação para diversidade.

FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS, SEXUALIDADE E GÊNERO

A formação educacional prioritária no ensino escolar, concebida comumente enquanto aquisição de conhecimentos teóricos, metodológicos num contexto bem delimitado e circunscrito à projetos político pedagógicos que por vezes universalizados, terminam por desconsiderar as particularidades e minorias. Pois ainda que transversalizadas, estas necessitam de um lugar claro e reflexões explícitas acerca do

conhecimento a ser construído e incluídas efetivamente no contexto educacional facilitado pela inclusão do conhecimento ativo e sem imposições.

...dos diferentes sistemas de classificações raciais e a produção do racismo; dos arranjos possíveis entre raça, gênero e sexualidade na vida social; do impacto das desigualdades étnico-raciais no currículo escolar e, por fim, da importância de se afastar as visões estereotipadas na prática de ensino. (ROHDEN, 2009, p.168)

É necessário ter em vista que mesmo sendo tais propostas transversais problematizadas nos planos de ações, possivelmente encontram entraves e dificuldades na aplicabilidade, sendo assim cabe a seguinte discussão acerca do tema transversal específico sobre gênero e sexualidade, tendo em vista o peso social que estas questões despertam e por assim dizer, sendo tabus que relegam maiores dificuldades e polêmicas. Sendo de fundamental importância portanto, o aprimoramento e capacitação de professores e demais atores educacionais para a sensibilização e disseminação da inclusão enquanto uma vivência, e não como uma dificuldade maior a ser enfrentada.

Por tratarem de questões sociais, os Temas Transversais têm natureza diferente das áreas convencionais. Sua complexidade faz com que nenhuma das áreas, isoladamente, seja suficiente para abordá-los. Ao contrário, a problemática dos Temas Transversais atravessa os diferentes campos do conhecimento. (PCN, 1997, p. 29)

Cabe desta forma uma problematização, ante tal amplitude de possibilidades de trabalho com esses temas por assim dizer, transversais. A complexidade e interrelações com múltiplos saberes realmente finda por sua aplicabilidade efetivada?

Cabe portanto enquanto uma possibilidade relacionar-se as vivências de forma prática e exemplificada no contexto escolar com as diferenças existentes nestas próprias relações interpessoais, sendo portanto matéria prima advinda do cotidiano que não pode ser esquecida, mas realmente utilizadas com o respeito que lhes cabe, mas fundamentalmente para que a problematização faça um elo à dimensão vivencial, que impulsiona o aprendizado de acordo com a idéia de metodologia ativa de ensino de Piaget:

Métodos Ativos e Atividades de Ensino como processo "de fazer fluir" naturalmente o ímpeto, a energia próprios do desenvolvimento mental e a vontade natural de aprender do aluno, direcionando-os à aprendizagem escolar. (ROSSO, 1992, p. 37)

E sem desconsiderar o necessário processo formativo que cabe ao professor, e em especial na lida com temáticas sensíveis e demandadas. Segundo Freire (2001,

p.260) é característica a necessidade de preparação fecunda do professor e seu contínuo aprimoramento em formação permanente, tendo em vista que a experiência docente, se bem percebida e vivida revela tal necessidade de análise crítica da prática a ser sempre aprimorada. E especificamente acerca dos temas concernentes à sexualidade, gênero, raça e etnia tem-se a necessidade de problematizar de forma intensa acerca de preconceitos e resistências que possam dificultar a contribuição educativa e sem posicionamentos que restrinjam a própria visão acerca dos temas trabalhados.

ASPECTOS IDENTITÁRIOS, RACIAIS, DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL NA EDUCAÇÃO

Sabendo-se que o papel da escola é a promoção de respeito e igualdade de direitos, sem ferir ou agredir as concepções que são formadas nas relações parentais, visa-se portanto na educação escolar esclarecimento das inúmeras possibilidades e percepções dos “diferentes”.

E, certamente, não há como identificar um momento adequado para tratar desses temas já que os valores e as representações sociais sobre gênero, orientação sexual e raça/etnia são transmitidos desde a mais tenra idade. Portanto, é também desde muito cedo que precisamos estar atentos para o rompimento das hierarquias simbólicas e práticas que nos afetam. (ROHDEN, 2009, p.172)

A relevância e o papel fundamentalmente formativo dos grupos que possibilitam identificações introjetadas pelos indivíduos, Freud (1921) teorizou que diante dos diversos grupos aos quais é possível se identificar e as inúmeras aquisições que advém destes, a família como núcleo formativo é acrescida de outros grupos, nos quais cada indivíduo partilha de diversas mentes grupais (raça, classe, credo, nacionalidade, etc) formando e sendo formado por estes.

De acordo com a educação enquanto processo de construção de sujeitos e de sentidos para a vida individual e coletiva descritos por Carvalho (2010, p.235) nós somos no mundo de acordo com a formação educativa realizada com base em objetos, conhecimentos, valores e sentimentos. Os quais em grande medida se embasam em imposição e reprodução da cultura e das identidades hegemônicas (heterossexuais e gendradas) resultantes de dominação de gênero, em moldes de cultura androcêntricos.

Necessitando de um processo de conscientização crítica, autocrítica (intensamente por parte de educadores) e transformação das relações sociais de dominação.

De acordo com tais processos formativos e educativos socialmente construídos Carvalho (2010, p.246) acrescenta:

A educação constrói e reconstrói a cultura. Por isso é tão importante estudar a construção educacional da desigualdade de gênero, especialmente na escola. O I Plano Nacional de Políticas para Mulheres propôs ‘incorporar a perspectiva de gênero, raça, etnia e orientação sexual no processo educacional formal e informal’, destacando a inclusão destas temáticas no ensino superior e na formação inicial e continuada de educadoras/es, bem como o acompanhamento e avaliação dos programas educacionais com vistas à garantia da equidade. Todavia, a problemática de gênero ainda permanece ignorada na academia, na política acadêmica e na formação profissional.

ENTENDENDO OS ESTIGMAS SOCIAIS E AS POSSIBILIDADES DE TRABALHO A PARTIR DAS DIFERENÇAS

Faz-se necessário ao trabalhar com temas que além de constituir parte integrante do desenvolvimento e formação individual, incidem em problemáticas sociais, nas quais sujeitos são estigmatizados, e a educação formativa que a escola pode fornecer tem o poder de nublar ou aclarar tais questões.

O conceito de identidade é de uma abrangência de significados bastante rica, e talvez devido a isso normalmente hajam dificuldades e especificidades quanto à delimitação deste. Partindo do conhecimento advindo do senso comum, pode-se definir a identidade enquanto um conjunto de características com as quais pode-se nomear e reconhecer determinada pessoa. Comumente e simbolicamente o termo é atribuído à documentação que corresponde ao Registro Geral, no qual são condensadas informações que nos caracterizam, de modo a indicar particularidades em meio aos mesmos referenciais de identificação. No entanto, ao analisar o processo de construção de identidade pode-se perceber que tal atributo ocorre de forma processual e não se dá de forma simples, assim também podem ser observadas muitas consequências dessa formação e inclusive dificuldades na aceitação da diferença e os limites da própria

constituição. A identidade de forma geral é elaborada a partir das relações constituídas, e a partir da carga e especificidade cultural na qual o sujeito está inserido, desta forma as primeiras relações refletem a socialização primária onde em grande medida ocorre a formação da identidade, ou seja, núcleo central da personalidade formado a partir de identificações e ainda recusa destas. Assim, é necessário considerar que essa estrutura não é estática e imutável, mas receptível às influências e coerções do meio no seu aspecto mais “superficial” e da socialização secundária. De acordo com esses aspectos, é possível facilitar a compreensão dos conflitos emergentes da formação e manutenção da vivência e status identitário, no qual há uma exposição e reafirmação da própria identificação (particular) em meio ao global, limitação e circunscrição difícil de administrar e defrontar com as demais existentes sem maiores conflitos ou estigmatizações. Assim, pode-se nomear este confronto com o diferente de alteridade, no qual existem possibilidades de enfrentamento, e especificamente neste trabalho serão abordadas: oportunidade de vislumbrar a diferença ou repelir todo e qualquer questionamento acerca das próprias identificações. Este segundo reflete o estigma social, muitas vezes produto das diferenças culturais e choques de realidade que estas trazem consigo, inclusive no ensejo aos questionamentos da própria constituição na tentativa de resguardar-se. E assim, pode ser apontado como possibilidade nesse enfrentamento a aproximação e quebra de resistências, justamente pelo autoconhecimento como ferramenta para facilitar o encontro com o outro e a diferença inerente à dinâmica sociocultural.

A psiquiatria freudiana introduziu uma peculiaridade importante [...] mostraram que certos delitos particulares, agora chamados de sintomas, podem ser interpretados ou lidos como parte do sistema de comunicação ou defesa do ofensor, especialmente uma reversão a modos de conduta infantis. O triunfo final dessa perspectiva psicológica técnica é a implicação de que o comportamento socialmente impróprio pode ser psicologicamente normal (como quando um homem demonstra força o bastante para encerrar uma relação conjugal doentia), e um comportamento socialmente apropriado pode ser realmente doente (como exemplificado pelas preocupações obsessivas e retraimento sexual de alguns químicos pesquisadores). Resumindo, para o psiquiatra, um sintoma inicial flagrante é meramente uma permissão para começar a escavar. (GOFFMAN, 2012, pg.132)

VIVÊNCIAS FRENTE À EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

De fato justifica-se a falta de operacionalidade e aplicabilidade dos conteúdos transversais às dificuldades inerentes à educação e às inúmeras outras atribuições que ao professor hoje é creditado, no entanto a dimensão interacional constituinte do ensino perde-se diante das inúmeras demandas e contingências do ensino.

O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas... (FREIRE, P. 2001. p. 259)

A partir da reflexão e estudo realizado por Nogueira, Felipe e Teruya (2008) trabalhar na perspectiva da diversidade cultural transcende a idéia das diferenças individuais e de pertencimento a grupos sociais distintos que se unem em uma sala de aula, mas ocorre fundamentalmente na valorização das diferenças existentes, ou seja, uma pedagogia da valorização das diferenças. “Entendemos que o primeiro passo para isso é defender uma educação questionadora dos conceitos essencialistas e tratá-los como categorias socialmente constituídas no decorrer dos discursos históricos.”

A resposta de Freud (Anexo I) à carta de uma mãe de homossexual esclarece acerca dos questionamentos e inquietações que muitas vezes latentes, mas não inoperantes inclusive presentes na educação escolar, levam às pessoas a terem condutas discriminatórias e até expressivamente violentas para com tais diferentes e “invertidos”, como foram denominados em séculos passados. E inclusive o fato que não dizer-se claramente e o medo de represálias revela o tabu que se constitui na possibilidade de ser enquadrado como não sendo “normal”, e em muitos casos inclusive, a tentativa de enquadrar-se dentro de tal normalidade para satisfazer aos desejos e expectativas de outros que por fim frustram o sujeito e seus impulsos.

Desta forma, não é suficiente perceber a diferença, mas ser mobilizado por ela, e mobilizar o outro para o entendimento, pois o fato de aceitar inclui o conhecimento claro do que é a diferença. “Falar sobre diversidade não pode ser só um exercício de perceber os diferentes, de tolerar o ‘outro’. Antes de tolerar, respeitar e admitir a diferença é preciso explicar como essa diferença é produzida e quais são jogos de poder estabelecido por ela.” (NOGUEIRA; FELIPE; TERUYA, 2008)

CONCLUSÃO

Enfim, não é possível propor um direcionamento claro de práticas, mas o intuito deste trabalho foi realizar a problematização e reflexão a quem possa considerar relevante e contribua à prática educativa reflexiva, destes profissionais que também são constituídos em suas diferenças e particularidades, mas de forma alguma podem anular a diferença alheia e considerações positivas acerca do educando. Do contrário, há possibilidade de promoção das diferenças de forma favorável às construções sociais mais humanizadas e fornecimento do conhecimento necessário aos inúmeros posicionamentos sem negar e desconsiderá-los.

Anexo I

“Minha querida Senhora,

Lendo a sua carta, deduzo que seu filho é homossexual. Chamou fortemente a minha atenção o fato de a senhora não mencionar este termo na informação que acerca dele me enviou. Poderia lhe perguntar por que razão? Não tenho dúvidas que a homossexualidade não representa uma vantagem, no entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma. Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos como uma variante da função sexual, produto de certo desajuste (resultado de uma certa interrupção) no desenvolvimento sexual. Muitos homens de grande respeito da Antiguidade e Atualidade foram homossexuais, e dentre eles, alguns dos personagens de maior destaque na história como Platão, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, etc. É uma grande injustiça e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se esta fosse um delito. Caso não acredite na minha palavra, sugiro-lhe a leitura dos livros de Havelock Ellis.

Ao me perguntar se eu posso lhe oferecer a minha ajuda, imagino que isso seja uma tentativa de indagar acerca da minha posição em relação à abolição da homossexualidade, visando substituí-la por uma heterossexualidade normal. A minha resposta é que, em termos gerais, nada parecido podemos prometer. Em certos casos

conseguimos desenvolver rudimentos das tendências heterossexuais presentes em todo homossexual, embora na maioria dos casos não seja possível. A questão fundamenta-se principalmente, na qualidade e idade do sujeito, sem possibilidade de determinar o resultado do tratamento.

A análise pode fazer outra coisa pelo seu filho. Se ele estiver experimentando descontentamento por causa de milhares de conflitos e inibição em relação à sua vida social a análise poderá lhe proporcionar tranqüilidade, paz psíquica e plena eficiência, independentemente de continuar sendo homossexual ou de mudar sua condição.”

Sigmund Freud

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Carta de Freud. Disponível em:< <http://pedroambra.com/2013/02/06/a-carta-de-freud/>>. Acesso em: 18 set. 2013

CARVALHO, M. E. P. Gênero, educação e ciência. In: MACHADO, C. J. S; SANTIAGO, I. M. F. L; NUNES, M. L. S. **Gênero e Práticas Culturais: Desafios históricos e saberes interdisciplinares**. Campina Grande: eduepb, 2010, p. 231-246.

FREIRE, P. **Carta de Paulo Freire aos Professores**. Estudos avançados, v.14, n.42, pp. 259-268, 2001.

FREUD, S. Uma gradação diferenciadora no ego. In:_____. **Além do princípio de prazer; Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago Editora. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v.XVIII, p. 139-143.

GOFFMAN, E. Sintomas mentais e a ordem pública. In:_____. **Ritual de Interação: Ensaios sobre o comportamento face a face**. 2 ed. Rio de Janeiro : Vozes, 2012. cap. 5, p. 132-141.

NOGUEIRA, J. K; FELIPE, D. A; TERUYA, T. K. **Conceitos de gênero, etnia e raça: reflexões sobre a diversidade cultural na educação escolar.** Fazendo Gênero, Corpo Violência e poder. Florianópolis. 2008.

ROHDEN, F. **Gênero, Sexualidade e Raça/Etnia:** Desafios Transversais na Formação do Professor. Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro, v.39, n.136, p. 157-174, 2009.

ROSSO, A. J; TAGLIEBER, J. E. **Métodos Ativos e Atividades de Ensino.** Perspectiva, Santa Catarina, v. 17, p. 37-46, 1992.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Apresentação dos Temas Transversais, Ética. Brasília: MEC/SE, p. 146, 1997.